



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



PRÁTICAS DE APROPRIAÇÃO ILÍCITA POR ASSALTO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA DE MUDANÇA DE MOTIVOS

Ana Paula Macena da Rosa ¹

Mário Medeiros da Silva ²

João Augusto Pontes Gomes²

Eixo temático: Educação, Intervenções Sociais e Políticas Afirmativas.

RESUMO

O trabalho a seguir deriva do projeto em andamento "Práticas de apropriação ilícita por assalto: fundamentos e possibilidades de prevenção", a ser plenamente desenvolvido no segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014. A proposta é entender os motivos que levaram apenados do Centro de Ressocialização de Canhotinho/PE (CRA) a delinquir, e levá-los a refletir sobre o que querem para o futuro fora da prisão. Para tanto, serão utilizados alguns conceitos e teorias, tais como ECRO, de Pichón Rivière e o de desequilíbrio, de Piaget (1986). A partir de experiências anteriores (MEDEIROS, 2011 e 2012) e da própria perspectiva adquirida nas primeiras vivências, este projeto apresenta-se como possível e com resultados positivos.

PALAVRAS-CHAVE: Apenados; ressocialização; grupo operativo.

ABSTRACT

The following study comes from the ongoing project "Práticas de apropriação ilícita por assalto: fundamentos e possibilidades de prevenção", to be fully developed in the second half of 2013. It comes with the proposal to understand the reasons why inmates of Centro de Ressocialização de Canhotinho/PE (CRA) committed their crimes, cause them to reflect on what they want for the future outside prison and if what they say they want allows them to have a good life. For this, we will use some concepts and theories, such as ECRO of Pichón Rivière and the desequilíbrio of Piaget (1986). From previous experience (MEDEIROS, 2011 and 2012) and the very prospect acquired in the early experiences, this project presents as possible and with positive results.

KEY-WORDS: Convicted; resocialization; operative group.

1. INTRODUÇÃO

Não é desconhecido que o sistema carcerário brasileiro possui graves problemas no que diz respeito à

estrutura e funcionalidade. São unidades superlotadas; medidas de segurança falhas; processos jurídicos morosos e políticas de ressocialização ineficientes, sendo talvez este último ponto um dos grandes responsáveis pelos altos índices de reincidência no crime por parte daqueles que, de volta ao meio social, não conseguem oportunidades para uma positiva reinserção/readaptação. A dinâmica deste sistema configura-se num ciclo vicioso que afeta toda a sociedade gerando um sentimento de medo e reforçando o preconceito.

Apesar do panorama geral visto em nosso país é possível encontrar unidades como o Centro de Ressocialização de Canhotinho, localizado no agreste de Pernambuco, que com suas políticas de reinserção social, tais como os programas relacionados a trabalho - na casa de farinha, padaria, marcenaria e os projetos ligados a agricultura - e de outros relacionados a educação formal, como a escola que lá se encontra se tornou referência estadual em ressocialização. Estas medidas trazem benefícios de ordem financeira e de redução de pena, respectivamente.

A partir deste cenário do sistema carcerário, o seguinte trabalho se configura como uma intervenção buscando auxiliar o processo de ressocialização dos apenados utilizando o conceito de ECRO (esquema conceptual referencial operativo). Com ele tentaremos apreender os motivos que levaram, e podem continuar levando, ao comportamento antissocial do grupo e daí a uma mudança reparadora daqueles motivos estabelecendo as bases para um comportamento socialmente aceitável.

As reflexões possibilitadas pelo desenvolvimento desta pesquisa trazem à tona questões como o preconceito contra "ex-detentos" e alternativas para sua ressocialização adequada à sociedade, levando, por conseguinte à uma diminuição do risco de violência, algo desejado por toda a comunidade.

Para tanto, é imprescindível um trabalho psicopedagógico no meio carcerário, o que já é possibilitado por lei (Lei 7.210/84, instituidora da presença do profissional de psicologia no dito ambiente), a fim de problematizar, com os detentos, novas formas de pensar e agir em sociedade. Este trabalho, além de ser importante para o recluso, é muito enriquecedor para quem o promove, visto a gama de experiências adquiridas que podem se estender a muitas outras áreas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa será realizada a partir de um grupo operativo (baseado em Pichon-Rivière) formado por vinte apenados do Centro de Ressocialização de Canhotinho, pelo coordenador da pesquisa, uma profissional de psicologia e dois estagiários da mesma área. Serão realizados dez encontros com duração de uma hora cada. No decorrer dos encontros buscaremos delinear o ECRO do grupo que nos possibilitará, a partir de sua análise, a utilização da técnica de desequilíbrio (PIAGET, 1986), que consiste em provocar controladamente conflitos (MEDEIROS & SANTOS, 2011) cognitivos ou emocionais a fim de esmaecer os conceitos epistemofílicos causadores de atitudes antissociais. Para tal utilizaremos a concepção de subsunção formulada por Ausubel - dentro de sua teoria de aprendizagem, podendo ser compreendida a partir da dinâmica em que um novo conceito é relacionado a um outro previamente conhecido de forma não-arbitraria modificando assim a ambos.

No primeiro contato com o campo de pesquisa fomos ao Centro de Ressocialização de Canhotinho para uma observação não participante. Nesse momento não entramos em contato direto com o grupo (MARCONE & LAKATOS, 2008) o que não nos impediu de apreender questões a respeito da dinâmica do local, nos servindo como meio para nortear as intervenções seguintes.

2.1 CAMINHOS A SEGUIR

Para tornar possível o encaminhamento deste projeto, serão utilizados alguns aportes teóricos como Winnicott, Pichón-Rivière (1997), Ausubel e Piaget (1986).

Em Winnicott compreendemos um pouco do que seja a agressividade, presente em muitas situações de delinquência. Para ele, “de todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada e atribuída a agentes externos” (Citado por MELLO, 2011). Podemos culpar o governo, o sistema capitalista ou a sociedade, mas para realmente adentrarmos no universo do delinquente – e no nosso próprio – precisamos admitir que a agressão, o impulso para a violência, nasce a partir de nós mesmos, vigorando desde a mais tenra idade, funcionando como uma válvula de escape para as pressões internas vividas. O que, lembra Winnicott, não deve nos levar a pensar que as crianças podem ser “inatamente amorais”.

Winnicott ressalta ainda, ao explicar a natureza da conduta antissocial, a importância do fator privação logo na tenra idade. Podemos perceber isso na análise das falas de alguns apenados.

Meu pai me botou pra fora de casa quando eu tinha sete anos... Ele estava embriagado. Brigava com minha mãe dizendo que eu não era seu filho. Meu pai vivia brigando com minha mãe, e sempre me botava como culpa. (Sv)

Ele (o pai) tomava um álcool danado, parecia um alambique, deu duas pisas na minha mãe, tentou me matar, ainda lembro do vôo, eu tinha três anos. Ele tinha de tudo e eu não tinha nada, tinha que almoçar em outra casa, eu via os meninos com brinquedos, e eu não tinha nada. (Gb) (MEDEIROS & SANTOS, 2011, p.):

De acordo com os autores, seria irresponsabilidade desconsiderar os relatos da infância ao procurar entender o adulto transgressor de hoje.

Piaget (1986) põe em evidência a ideia de desequilíbrio. Para ele, a tendência do corpo e da mente é se construir para o equilíbrio; a mente crescendo também sob os aspectos intelectual e afetivo. Para amadurecer, aprendemos, sedimentamos nossos conhecimentos e transformamo-los em paradigmas, acomodando-nos. Mas muitas vezes estas aprendizagens não ocorrem positivamente, criando o que chamamos conceitos epistemofílicos. Estes tratam-se de ligações conceituais onde um elo pode até ser socialmente aceitável (alegria, honra, dignidade, etc.), mas o outro (por causa de um processo de aprendizagem inadequado) não. Podemos notar esse fenômeno em alguns apenados, que fortemente defendem a honra, por exemplo, mas, para tal, são capazes até de cometer homicídio, sem pensar em maneiras mais pacíficas de resolver seus problemas (MEDEIROS & SANTOS, 2011).

Para trazer uma nova interpretação às aprendizagens epistemofílicas, o profissional de psicologia utiliza-se da técnica de desequilíbrio – mecanismo este que será utilizado no presente projeto – onde provoca-se adequadamente conflitos de ordem cognitiva e emocional para tentar levar o reeducando a pensar sob uma nova óptica. Um exemplo disso verificamos no projeto com menores infratores realizado na cidade de Garanhuns/PE: o rapaz dizia que tinha de andar corretamente; posteriormente começou a reclamar do pai, por este querer que ele viva de maneira correta. O responsável pela pesquisa então o indagou sobre como ele poderia não gostar do pai por este querer que ele seja algo que o mesmo sabe ter que ser. A desequilíbrio mostra as incoerências que existem no discurso do próprio sujeito. Entretanto, nesse mesmo momento é importante que haja por parte da condução do grupo operativo amparo e sustentação para o reestabelecimento do indivíduo então desequilibrado: “Estar no grupo ajudou a ouvir outras possibilidades de ação, de pensamento. (...) O grupo me aconselhou para o bem. Muito melhor ainda, mostrou novas possibilidades” (Am) (MEDEIROS & SANTOS, 2011, p. 20).

Entendemos que efetivar uma mudança positiva na motivação dos sujeitos da pesquisa, é importante a utilização de conceitos como o de aprendizagem significativa apresentado por Ausubel. Este conceito apresenta-se como um processo em que novas informações são relacionadas com informações já presentes na estrutura cognitiva do aprendiz de forma não arbitrária e substantiva (MOREIRA et al.,

1997), proporcionando um leque de possibilidades de mudanças. As características de substantividade e não arbitrariedade, sendo básicas para o conceito de aprendizagem significativa, merecem certa cautela em sua compreensão para que sua eficácia seja adequadamente conhecida. Segundo Moreira et al. (1997 p. 2) a característica substantividade na teoria da Ausubel "significa que o que é incorporado à estrutura cognitiva é a substância do novo conhecimento, das novas ideias, não as palavras precisas usadas para expressá-las". Portanto a aprendizagem significativa não se estabelece através da fixação de signos, mas sim da incorporação da essência dos conceitos em questão. A segunda característica, de não arbitrariedade, é compreendida como o relacionamento estabelecido entre o conhecimento prévio e o novo, onde o primeiro especificamente relevante – subsunção – serve de "ponto de ancoragem" para retenção de novos conceitos. Segundo Moreira et al.

A essência do processo da aprendizagem significativa está, portanto, no relacionamento não-arbitrário e substantivo de idéias simbolicamente expressas a algum aspecto relevante da estrutura de conhecimento do sujeito, isto é, a algum conceito ou proposição que já lhe é significativo e adequado para interagir com a nova informação. É desta interação que emergem, para o aprendiz, os significados dos materiais potencialmente significativos (ou seja, suficientemente não arbitrários e relacionáveis de maneira não arbitrária e substantiva a sua estrutura cognitiva). É também nesta interação que o conhecimento prévio se modifica pela aquisição de novos significados (1997, p. 2)

Por fim, como já dito anteriormente, todo este processo de mudança de motivos se dará através de um grupo operativo, de acordo com Pichon-Rivière. Este faz aproximações com Ausubel e Piaget (1986), quando acredita a aprendizagem ser sinônimo de mudança:

A técnica de grupo operativo consiste em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações (BASTOS, 2010, p. 161).

Como psiquiatra e psicanalista, trabalhando em um hospício de Buenos Aires, Pichon percebeu que a raiz dos problemas e sintomas de seus pacientes era a estrutura familiar (fazendo uma aproximação com Winnicott, 1999); um conceito levado para além das portas da instituição. A forma de relacionar-se e levar a vida do indivíduo será então, em certa medida, fruto desta primeira interação. O grupo operativo age reproduzindo esta dinâmica, não para ficar presa a ela, mas para compreendê-la e auxiliar o sujeito a superar as dificuldades nascidas dela (MEDEIROS & SANTOS, 2011).

Assim como na família, de acordo com Pichon (ibid), no grupo operativo encontraremos o porta-voz, o que mais falará a respeito de seus problemas e inquietações; mas se ele pode apenas falar de si, sem perceber estará denunciando os problemas e inquietações de todos os outros, abrindo espaço para que os profissionais delineiem o ECRO do grupo. Por esquema conceptual referencial operativo entende-se o "conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com os quais o indivíduo pensa e faz" (ADAMSON, 2013 p.4). De posse destas informações, o psicólogo estará pronto para realizar junto ao grupo desequilibrações que levem a novas aprendizagens, conseqüentemente, à mudança de motivos.

3. O CAMPO DE PESQUISA: PRIMEIRO CONTATO

O centro de ressocialização de apenados se encontra no município de Canhotinho, agreste pernambucano. A primeira diferença encontrada de lá para locais afins é a inexistência de muros, a divisão é feita por arame. À primeira vista os reclusos são tranquilos, muitos encontram-se imersos em suas atividades, mas

vários nos observam com curiosidade e mesmo um pouco de desconfiança; são das mais variadas idades, classes e etnias.

Naturalmente, a primeira vista pode esconder alguns problemas institucionais, e deixar-se levar por ela fabuliza um local que contém, sim, suas dificuldades, não só no âmbito burocrático, mas no relacionamento dos presos entre si e com os policiais.

Dentro do CRA, as três psicólogas lá empregadas fazem grupoterapias com alguns indivíduos, mas percebe-se que não conseguem dar conta do contingente extenso de reclusos. O fato de haver também grande rotatividade (alguns presos entram em liberdade; outros simplesmente desistem da grupoterapia, já que esta não é obrigatória) impede uma efetiva atividade profissional e resultados satisfatórios.

Outro ponto que preocupa os profissionais é a reincidência dos que se encontram ou vão para a liberdade. Quem entra no círculo de violência enfrenta grande dificuldade de sair dele, por estar submetido a vinganças (os apenados, ao longo de sua vida, acabam fazendo muitos inimigos) e a obrigações com os "amigos". O grande estigma carregado por estas pessoas em frente à sociedade também se põe como barreira a uma inserção saudável na comunidade. Como podemos observar, trabalhar os sentimentos, afetos e motivos destas pessoas faz-se urgente.

Como perspectiva de sucesso, trabalhos anteriores mostram resultados satisfatórios com alguns dos apenados que já passaram pelo processo do grupo operativo. Gb, conhecido por extensa ficha de delitos de pistolagem, o porta-voz do grupo de um trabalho já realizado (MEDEIROS & SANTOS, 2011), está há três anos em liberdade e até agora não reincidiu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMSON, G. **O ECRO de Pichón Rivière**. Disponível em . Acesso em: 19 ago. 2013.

BASTOS, A. B. I. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. Revista Psicólogo informação, São Paulo, ano 14, n, 14 jan./dez. 2010.

ENCUENTRO INTERNACIONAL SOBRE EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO. 1997. Burgos. **Aprendizagem significativa: um conceito subjacente**. pp 19 – 44.

FILHO, J. M. **Privação e Delinquência – Resumo**. Coordenação nacional ebbs, 2011.

MARCONI, N. A., LAKATOS, E. M.. **Técnicas de pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS, M., SANTOS, F. A. **O conceito de esquema conceptual referencial operativo – ECRO e o processo de ressocialização de apenados: um estudo etnográfico-hermenêutico**. Revista Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 4, jan./jul. 2011.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

NOTAS

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Pernambuco integrante do grupo de pesquisa e extensão Pesquisa Competências: aprendizagens necessárias e currículo--CNPq-UPE. E-mail:

aninhape_020@hotmail.com.

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho-PT, Pós-Doutor em Ciências da Educação pela Universidad de Málaga-ES, Líder do Grupo de Pesquisa Competências: aprendizagens necessárias e currículo--CNPq-UPE. E-mail:tramataia.a@gmail.com.

³ Graduando em Psicologia pela Universidade de Pernambuco integrante do grupo de pesquisa e extensão Pesquisa Competências: aprendizagens necessárias e currículo--CNPq-UPE. E-mail: joaoaugustopontes@hotmail.com.